

## Os *Latifas*

### Conceitos Iniciais

Os cinco órgãos básicos dos sentidos (visão, paladar, olfato, tato, audição) participam na formação da representação da realidade, representação esta fundamental ao homem comum em seu dia a dia. Porém, existem outros órgãos que permitem outros estados de percepção mais sutil e que tornam possível a apreensão da realidade dentro de outra perspectiva, possibilitando a aquisição de conhecimentos também de outra ordem. No Sufismo, esses órgãos de percepção sutil correspondem aos *Latifas* (*Lataif-i-Khamsa*), sendo a palavra *Lataif* (ou *Latif*) traduzida como sutil ou sutileza.

### Percepção da realidade

A capacidade de perceber a realidade tem sido discutida dentro da Filosofia desde há muito tempo. Por exemplo, até mesmo Platão ofereceu uma metáfora para discutir esse tema em sua Alegoria da Caverna, onde um grupo de homens acorrentados dentro de uma caverna observa sombras projetadas por outros homens que passam do lado de fora, na frente de uma fogueira. Essa alegoria sugere que existiria uma dimensão da realidade que não pode ser percebida pelos sentidos comuns - como os prisioneiros dentro da caverna, o ser humano estaria destinado a contemplar apenas projeções ilusórias da realidade e não a realidade em si. Para Platão, o verdadeiro filósofo seria aquele capaz de se libertar da caverna e conhecer plenamente a realidade.

Por outro lado, outras linhas de Filosofia refutam essa ideia e afirmam que todo o conhecimento é dependente do indivíduo e está baseado no acúmulo de experiências vividas por ele. Ou seja, o conhecimento de cada pessoa é afetado pelo período histórico no qual ela vive, as tradições religiosas e/ou intelectuais que ela segue, os conceitos correntemente aceitos, a biografia, os traços psicológicos, entre outros aspectos. Assim, não existiria algo como uma Realidade Objetiva ou uma Realidade Única; todas as percepções e relações estabelecidas com a realidade sempre seriam pessoais e multifacetadas, fruto das peculiaridades de cada um.

O Sufismo por sua vez, também considera que a percepção da realidade é dependente de quem a observa, porém ele sugere que exista uma série de estágios de desenvolvimento possíveis ao eu (ou *nafs*<sup>1</sup>), e são esses estágios, que no final, irão definir as capacidades perceptivas. Parte-se inicialmente de um eu cujas características fundamentais são o apego aos valores pessoais do ego. A identidade central desse estágio do eu é quase inexistente devido ao baixo desenvolvimento da consciência. Nesse estágio tudo acontece de forma mecânica e adormecida e a percepção que se tem da realidade é nada mais que um espelho dos valores que cada um está condicionado a considerar. Assim, esse primeiro estágio de desenvolvimento seria bastante semelhante ao dos homens presos em cavernas da alegoria de Platão. Confunde-se a realidade com os próprios conteúdos internos, e aquilo que se percebe dela é um reflexo dos hábitos e valores de cada um.

No entanto, esta é apenas a primeira condição do eu. Através de estágios bem descritos, é possível adquirir novas capacidades de consciência e como consequência, novas

---

<sup>1</sup> A palavra *Nafs* significa Eu ou Alma e o conceito foi discutido em detalhes em outro texto, disponível em <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nafs.pdf>

capacidades de percepção da realidade. Ao longo do processo, o indivíduo apresentaria uma capacidade de relacionar-se com a realidade que seria menos limitada por seus aspectos pessoais, biográficos e culturais.

Assim, em síntese, apesar de inicialmente a percepção que se tem da realidade estar limitada aos cinco sentidos, e estes estarem limitados pelos condicionamentos da personalidade (habituada a considerar apenas certas versões da realidade), esta não é a definição última da condição humana. Essa condição pode ser bastante modificada, e ao longo do processo de aprendizado, novas capacidades perceptivas podem ser desenvolvidas.

Assim, a percepção é considerada como uma função direta do estágio de desenvolvimento do eu. A percepção da realidade só pode ser alterada quando novas experiências se consolidam internamente, alterando de fato a sensação fundamental de ser. Essa relação está claramente expressa na tradição sufi, nas seguintes afirmações: “Não creias que o céu que contemplas [quando atinges a realidade supra sensorial] é o céu exterior visível. Não existe no supra sensorio outro céu mais sutil, mais azul ou puro ou brilhante. Quanto mais puro te tornares interiormente, mais puro e belo será o céu que te é mostrado<sup>2</sup>.” Ou ainda: “Tua contemplação é digna de quem tu és.<sup>3</sup>”

Portanto, como será detalhado abaixo, o desenvolvimento da capacidade de percepção sutil através dos *latifas* será dependente de modificações do eu, que devem também ocorrer ao longo do processo. Somente então, seria possível falar em uma nova percepção da realidade, mais profunda e livre de hábitos condicionados. Tanto que para alguns autores, a *realidade* é uma dimensão não manifesta, ou seja, a realidade de uma coisa existente não é aquilo que se vê dela, mas algo que está oculto às formas comuns de percepção: “A realidade é uma manifestação [que ocorre] por detrás de um véu.<sup>4</sup>”

No entanto, ainda permanece a pergunta: mesmo considerando-se o desenvolvimento do eu discutido acima, ao final desse processo, o indivíduo em questão atingiria a visão de uma realidade objetiva e única? Ou sempre haverá um matiz pessoal e individual na percepção de realidade?

Muitos autores sugerem que a realidade última corresponde à própria percepção da unicidade dentro da multiplicidade. Considerando que seja possível atingir um desenvolvimento completo da consciência (definida nesse contexto como a capacidade de se ‘estar ciente de’), isto conduziria o indivíduo a contemplar, em todos os infinitos aspectos da criação, o impulso primeiro que deu origem a tudo. Esta visão corresponderia à realidade objetiva e seria esta, a visão perseguida pelos místicos, a única que, de fato, consiste na meta de todo o ser vivente, o anseio mais profundo de toda a alma.

Porém, Ibn Arabi, considerado como um dos autores sufis mais importantes, aprofunda um pouco mais essa questão. Ele retoma um *hadith*<sup>5</sup> bastante conhecido que afirma que o criador teria dito: “Eu era um tesouro escondido e desejei ser conhecido, por isso, fiz a criação.” Ele sugere que o homem teria um papel primordial nesse anseio: o de

---

<sup>2</sup> Atribuído a Najmuddin Kubra, citado por Henri Corbin em *The man of light in Iranian Sufism*. Existe uma versão em espanhol em [http://www.imagomundi.com.br/espirtualidade/corbin\\_homem\\_luz.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espirtualidade/corbin_homem_luz.pdf)

<sup>3</sup> Henri Corbin, mesma obra citada. Itálico do autor.

<sup>4</sup> Ibn Arabi citado por William C. Chittick no livro *Ibn al-Arabi's Metaphysics of Imagination*. State University of New York Press, 1989.

<sup>5</sup> *Hadiths* são ditos atribuídos ao profeta Maomé.

possibilitar ao criador contemplar a si mesmo e assim, vir a se conhecer. Em suas próprias palavras<sup>6</sup>:

“Quando Deus – glórias sejam dadas a Ele – desejou que a fonte de seus Mais Belos Nomes – que são inumeráveis – fosse vista, Ele desejou que ela fosse vista em um ser microcômico que contivesse a matéria inteira revestida de existência, e através do qual Seu Segredo fosse manifestado para Si Mesmo. Pois, a forma como uma coisa vê a si mesma, através de si mesma, não é igual a que ela vê através de algo que atua como um espelho para si. Assim, Ele manifestou a Si Mesmo para Si Mesmo em uma forma que é fornecida pelo lugar no qual Ele é visto.” O ‘lugar’ onde essa manifestação acontece é nada menos que o próprio Adão, o homem primordial, o arquétipo do ser humano, que atuará como um espelho para que o Criador possa contemplar a si mesmo. “Assim o comando decretou o polimento do espelho do universo. Adão foi exatamente o polimento daquele espelho. [...] Esse ser foi chamado tanto de ser humano (*insân*) quanto de califa. Ele é em relação a Deus o que a pupila, sendo um instrumento da visão, é para o olho. Por isso ele é chamado de ‘*insân*’<sup>7</sup>. É através dele que Deus contempla Suas criaturas.”

Porém, considerando-se que a multiplicidade (e não a unidade) é a regra da criação, e que Adão foi criado como um modelo para todo ser humano, sua qualidade fundamental (de ser o ‘olho’ que vê), está também potencialmente presente em todo ser criado. Assim, cada ser humano deveria atuar como uma ‘pupila’ ao criador, e lhe servir de espelho. Porém, essas visões serão fruto de uma identidade única, moldada através das próprias experiências ao longo da vida de cada um. Nenhum desses espelhos vai refletir exatamente a mesma imagem, e a totalidade das imagens produzidas por todos, esta sim, será o reflexo do todo. Assim, a percepção completa da realidade, ou a realidade última, talvez seja um atributo (ou uma capacidade) apenas do próprio criador, mas foi oferecida em parcelas para cada ser criado que se disponha a desenvolver esses outros graus de percepção. Essa atitude voluntária de buscar por um desenvolvimento que atinja uma visão mais adequada e plena da realidade é sugerida em um dito sufi: “Não se deve oferecer flores murchas ao Amado.”

### **O papel da luz no sufismo persa: uma visão histórica**

A conceituação dos *latifas* nasceu e se desenvolveu especialmente dentro do Sufismo persa, que sofreu forte influência do Zoroastrismo. Nessa tradição, a luz tem um papel fundamental: ela está diretamente associada à questão do desenvolvimento espiritual dos sentidos supra sensoriais (que transcendem o físico) e dos órgãos de percepções sutis (*latifas*). Assim, a visão de luzes e cores em um estado puro, captados nos estados meditativos ou visionários, não é meramente o resultado da impressão recebida através de objetos materiais, mas sim, um sinal no caminho do desenvolvimento espiritual.

“Amplidão, ascensão e liberdade: isto é o que anunciava a visão das luzes coloridas, cores em um estado puro, supra sensoriais, liberadas das trevas do objeto que as tinha absorvido, agora restituídas, tal como haviam a florado na noite divina, na *Terra Lucida*, que gera sua própria luz. Nessa pura luminescência, reconhecemos uma representação persa por excelência: a *xvarnah*, a luz da glória, origem e destino de tudo o que é luz.<sup>8</sup>” Essa luz dourada, representada frequentemente como chamas que apontam para o alto, é

<sup>6</sup> Ibn Arabi: *Fusus al-Hikam* em [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/ibn\\_arabi\\_fusus.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/ibn_arabi_fusus.pdf)

<sup>7</sup> *Insân* tanto significa homem quanto pupila.

<sup>8</sup> Henri Corbin, *The man of light in Iranian Sufism*. Omega, 1994.

bastante comum nas miniaturas persas e geralmente aparece associada a personagens históricas que supostamente atingiram elevado desenvolvimento espiritual (Figura 1).



Figura 1. Representações persas

As luzes coloridas (ou fotismos), dentro do Sufismo persa, são consideradas como realidades objetivas de um tipo mais sutil. Não são percebidas pelos olhos e sim por faculdades chamadas de supra sensoriais, ou seja, capacidades perceptivas que são desenvolvidas através de métodos específicos e que se situam além da sensibilidade perceptual comum. Essa faculdade não está apenas conectada com a realidade material e física, mas também com o Mundo Imaginal<sup>9</sup> (*alam al-mithal*) o “local” onde o místico vive suas experiências espirituais<sup>10</sup>. Esse Mundo estaria localizado além da Esfera das Estrelas Fixas, que na cosmologia da época (a mesma dos gregos) correspondia ao limite do mundo material conhecido. Transcender essa noção de um “onde” ou de um “local” físico e material correspondia a se libertar das limitações impostas à percepção.

As faculdades da visão espiritual ganham força na medida em que o indivíduo desenvolve novos estágios do eu, e possuem seus centros em vários pontos do corpo, associados aos *latifas*: “É essencial que os centros sutis (*latifas*) de luz sejam libertados de baixo destas montanhas [isto é, dos quatro elementos da existência material]<sup>11</sup>.”

A associação entre as luzes e suas cores específicas, apresentada originalmente pelos autores persas, reside no fato que, em essência a luz não pode ser vista, precisamente porque é ela que causa a visão. Assim, o que é visto não é a luz e sim o receptáculo no qual ela incide. Por isso as luzes no mundo supra sensorial necessitam das cores puras que não dependem de receptáculos, ou seja, não precisam “cair dentro da matéria estranha ao seu próprio estado de ser luz.<sup>12</sup>” Essa ideia está conforme à seguinte afirmação, frequentemente citada pelos autores persas: “Deus é a luz dos céus e da terra. Sua luz é tal como um nicho dentro do qual existe uma chama; a chama está protegida por um vidro, e o vidro é como uma estrela brilhante. [A partir do óleo] de uma árvore sagrada, uma oliveira que não é nem do oriente, nem do ocidente, ela é mantida acesa, muito embora essa chama nem mesmo o toque. É luz sobre luz.<sup>13</sup>”

Geralmente são citados três autores principais relacionados ao estudo das luzes e dos *latifas* no Sufismo persa. Como será percebido com a leitura abaixo, cada um desses autores sugeriu formas específicas à sua cultura e momento histórico de se compreender os fenômenos das luzes percebidas ao longo de uma trajetória espiritual, e de se desenvolver as capacidades associadas a elas.

<sup>9</sup> Para detalhes sobre o Mundo Imaginal ver o texto de Henri Corbin, *Mundus Imaginalis*, em [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/mundus\\_imaginalis.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/mundus_imaginalis.pdf)  
<sup>10</sup> M. I. Waley. *Najm al-Din Kubra and the Central Asian School of sufism (The Kubrawiyyah)*. In: S. H. Nasr. *Islamic spirituality – Manifestations*. Crossroad, 1991.  
<sup>11</sup> M. I. Waley, obra citada.  
<sup>12</sup> Henri Corbin, *The man of light in Iranian Sufism*. Omega, 1994.  
<sup>13</sup> Corão 24: 35.

O primeiro dos autores importantes foi Najm al-Din Kubra (morto em 1220) que enfatizou o fenômeno das cores que o místico pode perceber em suas experiências de ordem espiritual. Assim, ele deu ênfase especial aos fenômenos das luzes coloridas, às quais deveriam ser descritas e interpretadas como indícios reveladores do estado do místico. Para ele “a experiência mística é causada pela transformação do ser e do espírito [...] o que envolve a transmutação das faculdades dos sentidos e percepção. Assim, os cinco sentidos são transformados em sentidos de outro tipo.”<sup>14</sup>

Kubra associou o fotismo diretamente com o desenvolvimento do eu (*nafs*). O primeiro estágio do eu é relacionado com a visão de uma luz que é como um círculo negro, semelhante à abertura de um poço, que surge diante do indivíduo em treinamento. Já o segundo estágio do eu surge como um sol vermelho, às vezes na lateral do rosto ou próximo da testa ou acima da cabeça. O terceiro estágio de desenvolvimento do eu ergue-se diante do aprendiz como “uma grande fonte da qual a luz pura se precipita” ou ainda, como “um círculo representando sua própria face, composta de pura luz, como um espelho polido.”<sup>15</sup>

Por sua vez, Najm Razi (morto em 1256) foi discípulo de Kubra e autor de um tratado em persa sobre as percepções visionárias, que é citado até os dias de hoje como uma das obras mais importantes do Sufismo persa. Da mesma forma que Kubra, Razi relacionou as luzes coloridas com estados espirituais que podem ser alcançados pelo praticante ao longo do desenvolvimento de suas estruturas de consciência.

Razi descreveu a seguinte sequência para essas luzes: a primeira cor é o branco, para ele, o símbolo da própria religiosidade; a segunda, a amarela, símbolo de fidelidade e fé; a terceira, o azul escuro, símbolo de benevolência; a quarta, verde, símbolo da quietude da alma (ou da alma pacificada); a quinta, o azul claro, símbolo de certeza; a sexta, o roxo, símbolo da gnose mística e conhecimento teosófico e; a sétima luz é de cor negra, símbolo de amor apaixonado e extático. Razi considera as seis primeiras cores como próprias do atributo da Beleza (*Jamal*) enquanto que a luz negra é própria do atributo de Majestade (*Jalal*), luz esta que se acende por si mesma no interior da visão do místico; ela não é contemplada, mas sim revelada. Assim, a Majestade inacessível se revela na Beleza, e a Beleza por sua vez, é a própria Majestade revelada.

Por sua vez, Alaoddawleh Semnani (morto em 1336) deu sequência à tradição de Kubra e é considerado um dos nomes principais do Sufismo persa. Ele finalmente estabelece a conexão entre as percepções visionárias e a “fisiologia do homem de luz”, ou seja, a fisiologia dos órgãos sutis. Como parte da obra dele já está disponível<sup>16</sup>, os detalhes sobre seu modelo não serão apresentados aqui. No entanto, para Semnani, as luzes coloridas estão relacionadas diretamente com sete *latifas* e cada um deles é considerado como um espelho dos sete Profetas dentro do microcosmo que é o ser humano, conforme será detalhado a seguir.

### **A relação entre os *Latifas* e os Profetas**

Na tradição sufi, os sete *latifas* são relacionados com sete dos Profetas citados no Velho e Novo Testamento e no Alcorão. Assim, cada *latifa* abre a oportunidade de se perceber a realidade a partir de uma perspectiva cada vez mais elevada, simbolizada pela

---

<sup>14</sup> Citado por M. I. Waley, mesma obra.

<sup>15</sup> Idem anterior.

<sup>16</sup> Para detalhes sobre a visão deste autor ver “Os sete órgãos sutis do homem segundo Semnani”, disponível em [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/semnani\\_sete\\_orgaos.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/semnani_sete_orgaos.pdf)



qualidade de ser que cada um dos Profetas apresentou ao longo de sua vida. Assim, cada *latifa* é tradicionalmente relacionado com um estágio de desenvolvimento do eu que é também chamado de o “Profeta do Nosso Ser.” Ou seja, cada nível de ser que é revelado a partir da experiência pessoal com cada um dos *latifas* está associado simbolicamente ao nível de ser de cada um dos Profetas. E cada um desses níveis terá relação com novas capacidades pessoais de percepção.

A percepção da realidade é profundamente modificada nesse processo de desenvolvimento associado aos *latifas* e, além disso, a compreensão do que a própria realidade significa muda muito também. É importante compreender que o Sufismo parte da premissa de que a realidade nada mais é do que um conjunto de expressões da própria Presença Divina. Essa afirmação fundamenta a ideia da Unidade e busca conduzir à experiência de que tudo é uma manifestação de Deus. Ou seja, deve-se compreender que a ideia da unidade não se resume na afirmação de que existe só um Deus, mas sim que Deus é Uno, e isto traz uma perspectiva completamente diferente.

Como dito anteriormente, ao assumir formas variadas, o Absoluto teria como meta final perceber o mundo através de diferentes perspectivas, e assim, finalmente vir a conhecer a Si mesmo em toda sua totalidade. Dessa forma, a percepção e conhecimento de si e da realidade circundante corresponderia à capacidade da própria divindade de conhecer e perceber a si mesma, e esta seria a meta principal de todo o processo de desenvolvimento.

Os sete Profetas considerados como estando associados aos *latifas* são: Adão, Noé, Abraão, Elias, Moisés, Cristo e Maomé. Eles fazem parte do que é chamado de a “Linhagem da Profecia,” indicando uma série de homens e mulheres que cumpriram um papel fundamental frente à vida sobre a terra. Eles são considerados como modelos de estados de ser, cujas presenças e exemplos convidam não exatamente apenas à obediência às leis religiosas ou ao desenvolvimento de qualidades de caráter moral, mas à transcendência e transformação.

Uma referência importante sobre essa Linhagem é o livro *The Seals of Wisdom* de Ibn Arabi<sup>17</sup>, que apresenta detalhes sobre cada um dos Profetas. A “estação” ou estágio espiritual de cada um dos Profetas relaciona-se com uma forma específica de ver as coisas, ou seja, uma percepção única da realidade. Nenhuma é igual à outra e o conhecimento e práticas de cada uma dessas revelações consistiria em um modelo de aperfeiçoamento, cujo objetivo é tornar-se um dos “Amigos de Deus.” Esses são os que lutaram para escapar das percepções ilusórias e limitadas do eu inferior e são, então, capazes de perceber a realidade a partir de outra perspectiva. Eles são os Amigos porque dedicaram suas vidas a desenvolver suas qualidades de ser ao máximo, e assim, atingir um conhecimento mais profundo da criação.

A relação de cada um dos *latifa* com os sete Profetas citados e com os níveis de ser correspondentes será descrita sucintamente abaixo.

### **Um modelo para o desenvolvimento dos *latifas***

A seguir será apresentada uma sugestão de desenvolvimento de cada um dos *latifas*. Como visto no início desse texto, diferentes autores propuseram diferentes descrições de cada um desses níveis, e o modelo apresentado abaixo tem como função, oferecer uma sugestão de trabalho prático mais adaptado à época atual e à cultura ocidental.

---

<sup>17</sup> *Fusus al-Hikam* de Ibn Arabi em [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/ibn\\_arabi\\_fusus.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/ibn_arabi_fusus.pdf)

1) **Qalb** ou “O Conhecimento do Coração”. Situado do lado esquerdo do peito (na frente do coração) e associado à cor amarela.

A palavra *qalb* significa coração e nesse contexto, tem relação com a aquisição de uma forma específica de percepção que dá origem a um conhecimento também específico da realidade e de si mesmo. A palavra “conhecimento” não se refere aqui às capacidades intelectuais comuns, associadas na cultura ocidental com, por exemplo, acúmulo de informações e leituras, e nem mesmo com o pensamento comum e sim, a uma nova forma de se relacionar e de compreender a realidade. Esse conhecimento (ou forma de percepção) é profundamente emocional, e por isso tem como associação direta, o coração. Especialmente para Ibn Arabi, existe uma estreita relação entre o coração e o intelecto, cujas palavras em árabe – respectivamente *qalb* e *aql* - apresentam a mesma raiz: “Quando se atinge o conhecimento através da reflexão, o modo deste conhecimento é chamado razão (*aql*). Quando se conhece diretamente através de Deus, o modo deste conhecimento é chamado de coração (*qalb*)<sup>18</sup>.”

Intrinsecamente, esse *latifa* pressupõe uma mudança de perspectiva na forma como são percebidos os eventos, onde se busca não mais impor sobre a realidade os próprios vieses, pontos de vista do ego, exigências e demandas, mas sim, libertar-se dessas perspectivas limitadas. Aquilo que é contemplado ou percebido é recebido com abertura, aceitação e bondade e pode então, ser compreendido dentro de uma nova perspectiva. Assim, nesse estágio, a busca consiste em desarmar os processos habituais do ego e abrir-se para uma nova forma de perceber e receber os estímulos vindos da realidade. Nesse tipo de atitude, ao invés de impor sobre o “outro” (ou seja, qualquer evento da realidade) os próprios julgamentos, limitando-o com as percepções que o próprio ego tem dele, deve-se buscar, ao contrário, recebe-lo e compreende-lo a partir dele mesmo, de sua própria realidade intrínseca.

Nesse sentido, esse *latifa* está associado ao primeiro estágio do *nafs* (Eu Degenerado) uma vez que pressupõe uma conscientização mais abrangente das expressões mecânicas do ego que determinam as percepções que se tem de si e da realidade.

O *Qalb* é associado com Adão, o primeiro Profeta da Linhagem. Como dito anteriormente, Adão relaciona-se com a ideia em si do ser humano uma vez que ele foi o primeiro homem criado. Por isso ele é o *Insan el Kamil* (o Homem Perfeito), o arquétipo por excelência da humanidade. Ele é também chamado de “a pupila (do olho) de Deus,” pois é função do Homem Perfeito servir de “olhos” para que Deus contemple sua criação. Essa metáfora abre uma compreensão do significado do *Qalb*. Por ser um órgão perceptivo por natureza e estar associado com o “conhecimento do coração”, ele tem relação direta com a forma de percepção da realidade representada por Adão.

2) **Rouh** ou “A Real Emoção”. Esse *latifa* situa-se do lado direito do peito e é de cor vermelha. Complementar ao *latifa* anterior, este visa despertar uma nova emocionalidade mais pura e profunda, bastante diferente da emoção habitual, que consiste basicamente apenas em reações deflagradas diante de certos eventos de forma geralmente condicionada.

Se o trabalho sobre o primeiro *latifa* (*qalb*) desperta o indivíduo para a percepção e contemplação de dimensões mais sutis, belas e perfeitas da realidade, o *latifa Rouh* desencadeará os aspectos emocionais mais intensos associados a esta percepção.

---

<sup>18</sup> William C. Chittick, mesma obra citada.

Assim, uma das características importante deste estágio é o surgimento de uma intensidade emocional que torna a percepção da realidade paulatinamente mais viva, rica e profunda. Aquilo que é observado é valorizado, tornado importante, único e merecedor de ser percebido em sua realidade intrínseca e não olhado com descaso (de forma adormecida) ou de forma impositiva (impondo-lhe os próprios vieses condicionados de percepção). O indivíduo se apaixona pela vida, revestindo-a volitiva e conscientemente por um grau de valoração que nasce da própria atitude de observá-la. Finalmente, atinge-se uma capacidade de adoração, onde o outro é contemplado de forma intensamente emocional, como se fosse possível percebê-lo em sua natureza mais essencial, e descobre-se que a vida, em todas suas formas e complexidade, é sempre digna de adoração. Com o desenrolar do processo, surge um tipo específico de anseio de aproximar-se de forma mais profunda destes aspectos, pois nessa etapa, surge uma necessidade real de transcender os limites perceptuais impostos pelo ego. Percebe-se que tudo na realidade participa desse desejo intenso por ser percebido e valorizado, dando início a uma etapa onde o relacionamento com tudo o que cerca o indivíduo se torna mais autêntico e profundo.

Em estágios iniciais de desenvolvimento a emoção pode tornar-se muito rica, onde o indivíduo mergulha na percepção de uma beleza intrínseca que está na essência da criação e da vida. A partir desta percepção surge um anseio e uma necessidade por atingir dimensões cada vez mais elevadas de perfeição, intuída como um reflexo direto da beleza observada. Anseia-se pela perfeição como uma forma genuína de sentir-se participante da beleza constante que se tem diante de si.

Por outro lado, em alguns casos, o desenvolvimento desse *latifa* pode também trazer uma dolorosa percepção da própria imperfeição, onde a pessoa se sente distanciada da beleza ansiada, ou ainda, onde essa percepção da beleza é fugidia e a pessoa percebe-se novamente impondo sobre a realidade seus velhos hábitos e julgamentos. A percepção dessa falha em si mesmo é profundamente dolorosa, porque a sensação é de que a realidade ainda é percebida a partir de velhos padrões condicionados e ilusórios. Ao invés da realidade contemplam-se apenas os próprios limites, como se a pessoa visse diante de si, apenas um reflexo distorcido de suas próprias imperfeições. Porém, essa fase corresponde ao que os sufis costumam chamar de “polimento do espelho”, uma fase na qual a dor e nostalgia conduzem o praticante a constatar profundamente, de forma direta, seu próprio comportamento e assim adquirir mais força para modificá-lo.

Nesse contexto, esta fase está associada ao segundo estágio do eu (Eu Acusador) uma vez que o indivíduo se torna ainda mais consciente de suas próprias identificações com o ego, e pode representar uma fase de auto avaliação e reflexão. Porém, essa fase pode também aumentar o anseio genuíno, e por isso, às vezes doloroso, por realmente libertar-se dessas identificações.

O *latifa Rouh* está associado com o Profeta Noé. Noé é aquele que tem que discriminar e escolher os elementos que serão mantidos e preservados e os que serão descartados. Para cumprir esse papel é necessário por um lado, sabedoria, e por outro, força e coragem para assumir essa escolha de forma verdadeira e com responsabilidade. Porém, este comprometimento surge somente quando o indivíduo foi tocado pela beleza que desperta nele o anseio real por modificar-se. Assim, Noé simboliza a mudança de atitude discutida acima, onde apesar da dificuldade e sofrimento, é necessário discernir os aspectos pessoais que devem ser superados (a mecanicidade, os exageros do ego) e os que devem ser mantidos. Através dessa capacidade poderá haver um mergulho real em direção a si mesmo, assumindo com reponsabilidade, a complexidade inerente a esse processo.



3) *Sirr* ou “O Secreto”. Situa-se na testa, entre os dois olhos, ligeiramente acima deles e a cor de sua luz é negra.

Nesse estágio surge um tipo de pressentimento ou de antecipação associada à sensação de que existe um mistério por trás da existência, que deve ser buscado e percebido. Essa percepção fundamenta-se em um tipo específico de intuição, uma sensação difusa de que existe algo além de cada elemento da realidade, aguardando para ser percebido inteiramente. Ele é relacionado com uma forma muito peculiar de conhecimento, um acesso aos mistérios velados por trás de tudo o que é manifesto. A imersão nestas camadas mais profundas da realidade desperta no indivíduo a capacidade de estabelecer uma relação de maior intimidade entre ele e a vida. De forma metafórica, esse *latifa* anuncia os segredos que são trocados entre os amantes, na privacidade de sua interação. Somente tomados por esse sentido de intimidade e de uma capacidade profunda de olhar o outro e a vida em sua realidade mais oculta, é que esses segredos podem ser acessados e compartilhados. Novos elementos são revelados no contato com a realidade, sendo possível intuir níveis mais profundos e intrínsecos de significado, que estão por trás de cada evento com os quais se interage.

Esse *latifa* está associado ao terceiro estágio de desenvolvimento do *nafs* (Eu Inspirado) uma vez que abre as portas para o acesso a uma percepção um pouco mais centrada e permanente. A pessoa é capaz de mergulhar na realidade, intuindo agora um novo significado para a vida, significado este que, mesmo ainda não plenamente acessível, já é capaz de produzir uma modificação importante na relação do indivíduo com as coisas e consigo mesmo. E esse tipo de percepção é resultado do estado que o indivíduo é capaz de desenvolver e preservar. Há um conceito da tradição hermética que afirma que “somente o igual conhece o igual.” Ou seja, por se colocar em um estado de ser que está mais liberto do ego fragmentado, um estado onde a sensação de identidade agora repousa em um eu cuja natureza é mais essencial e unitiva, o indivíduo pode observar essas mesmas qualidades ao seu redor. Assim, é como se a Essência contemplasse a Essência, e o indivíduo descobre-se participando de uma intimidade muito peculiar com tudo o que está ao seu redor.

O *Sirr* está associado com o Profeta Abraão. É notável na vida de Abraão um contato direto e constante com Deus, que orienta sua vida e o faz cumprir uma série de desígnios. E a todas as orientações, Abraão atende prontamente. No contexto do *Sirr*, esse Profeta simboliza a intimidade com os desejos do Ser (ou da Essência) que o indivíduo nessa fase pode alcançar. Demonstra também que esta é uma fase onde há a possibilidade de ser e agir de acordo com esse novo nível de percepção, ou seja, ao invés de mecanicamente obedecer aos imperativos condicionados do ego, agora é possível responder aos anseios da própria Essência que se expressa de forma sutil. Essa sutileza já não é mais velada pelo sono e por uma visão distorcida da realidade, mas ao contrário, é percebida ativamente e então, seus anseios podem ser supridos. Abraão tem, também, um papel central na questão da idolatria, e sugere que a adoração não é devida à aparência ou forma externa das coisas e sim à sua essência. Há uma história<sup>19</sup> que conta que, numa noite, ao contemplar a Lua, ele teria dito “eis aqui o meu Senhor!,” mas que ao continuar sua contemplação ele a viu desaparecer no horizonte. O mesmo se repetiu com uma estrela e com o próprio sol, o que o levou a concluir: “não adoro os que se põem [...] mas me consagro Àquele criou os céus e a terra.”

4) *Khafi* ou “A Consciência Plena”. Situa-se logo acima do umbigo e a cor de sua luz é branca.

---

<sup>19</sup> Corão 6: 76-79.

Com o desenvolvimento do *latifa Sirr* e com o decorrente acesso a níveis cada vez mais profundos de significados, os mistérios, antes intuídos, são agora refletidos no íntimo do indivíduo. No Sufismo é dito que “somente o coração conhece o coração” e é esta a plenitude que o nível de consciência do *Khafi* traz. Pois, nesse nível a identidade revelada está apoiada em aspectos essenciais do ser, ao invés de estabelecida no ego e nos conteúdos da personalidade – assim, a essência das coisas reflete-se na essência do indivíduo. Desta relação entre um ser desperto e a realidade nasce a sabedoria, que pode ser descrita como uma capacidade de estar conectado com o momento presente e receptivo à singularidade, beleza e perfeição de cada coisa, em cada instante da vida. A partir dessa sabedoria o indivíduo torna-se capaz de relacionar-se de forma direta, livre e harmônica com as infinitas sutilezas intrínsecas à criação. Nesta atitude é possível ao indivíduo compreender as nuances presentes em cada evento, e agir e responder às necessidades de cada expressão da realidade em harmonia; e a isso se dá o nome de justiça. O desenvolvimento deste nível de consciência pressupõe a contemplação de uma perfeição perene expressa na realidade e assim, cada ação, neste estado, está de acordo com esta dimensão.

Esse *latifa* é associado com o quarto estágio de desenvolvimento do *nafs* (Eu Tranquilo) que é caracterizado por uma identidade mais permanente, livre das flutuações e humores do ego. A manifestação das coisas e a própria relação com elas é sentida como parte de uma totalidade que transcende em muito os aspectos estritamente pessoais, apesar de contê-los e justifica-los.

O *Khafi* é simbolizado pelo Profeta Elias. Elias é retratado com uma das histórias mais interessantes do Velho Testamento. Ele é testemunha de uma visão de Deus no Monte Horeb que é descrita com rara beleza<sup>20</sup>. Deus não se manifesta como algo transcendente e acima do indivíduo, mas com sutileza e ao seu redor, entremeado na própria vida, ao alcance de suas mãos e presente em seu horizonte. Elias não morre, mas é carregado para os céus por um carro de fogo (*merkabah*). Além disso, na tradição sufi, Elias é considerado uma das manifestações do Profeta Kidr, tanto que frequentemente, ele é chamado de Kidr-Elias. Kidr simboliza principalmente, uma capacidade de aprender a partir do contato direto com a realidade. A realidade é sentida como um guia sábio que conduz o indivíduo a trilhar os caminhos que lhe são absolutamente necessários em seu processo de crescimento. Mas para isso é necessário que a pessoa exerça o nível de consciência simbolizado pelo *Khafi*, ou seja, é necessário que o indivíduo esteja desperto, e esse estado lhe traz uma oportunidade constante de aprendizado e aperfeiçoamento.

5) **Ruhi**. Situado acima do *latifa Qalb*, de cor azul.

Esse *latifa* é caracterizado pela percepção da presença de um elemento que transcende em muito, qualquer outra dimensão de ser ou de existir. No nível anterior essa qualidade podia ser sentida de forma fugaz e sutil, mas neste, esta presença é avassaladora e o indivíduo se sente agora perplexo, imerso numa realidade que o faz abandonar definitivamente todas suas ilusões acerca de si mesmo e de tudo o que existe ao seu redor. Essa mudança de perspectiva é tremenda e o indivíduo experimenta a realidade como uma epifania, um estado que o faz perceber a real dimensão da criação. Diante dessa visão, existe uma mudança radical em termos da sensação de si mesmo. A pessoa se sente arrebatada pela dimensão que está diante de si e como consequência disso, ocorre o que poderia ser chamado de um abandono ou despojamento de si mesmo. Diante de tal grandiosidade, o que ainda resta do ego ou de uma sensação de ser ou de

<sup>20</sup> Velho Testamento 1 Reis 19.

existir separado dessa totalidade desaparece totalmente. Diante disso, mergulha-se no que é conhecido na tradição sufi como o *fana* ou aniquilação. Os últimos vestígios de um eu isolado dessa manifestação epifânica se esvaem e o indivíduo mergulha no que pode ser chamado de não ser, onde há a percepção de que, o que existe é essa grandiosidade apenas, e nada mais pode existir além dela. Nessa fase a dualidade Eu e Tu começa a desaparecer, mas não pela união dessas duas dimensões, e sim porque o Eu é aniquilado frente ao Outro.

Esse é um momento que, dependendo do nível de preparo da pessoa que percorreu todos esses processos, pode ser mais ou menos doloroso. Pode haver uma confiança e certeza maiores ou menores de que, ao se pular no abismo do não ser, haverá algo a sustentar a queda e impedir a destruição absoluta da identidade. No entanto, pressupõe-se que haja, já muito bem estabelecida, uma qualidade de ser que foi forjada passo a passo na direção correta. Mas ainda assim, na literatura sufi, é comum se ver a descrição de pessoas que atingem esses níveis sem terem trabalhado de forma adequada, e enfrentam dificuldades diversas. Elas são chamadas de os “loucos de Deus” e muitas vezes são capazes de fazer milagres e viver numa dimensão de quase santidade, mas são incapazes de viver sua vida do dia a dia de forma equilibrada e harmônica. Deve ser compreendido que essas dimensões de ser são muito profundas e muito raras, mas espera-se que o indivíduo que penetre nelas o faça de forma saudável. Como os sufis dizem, o indivíduo nessa dimensão ainda está no mundo, apesar de não pertencer mais a ele. Isso implica que ele ainda tem suas responsabilidades diante da realidade, e que estas devem ser cumpridas em harmonia com seus estados de ser.

Esse *latifa* é relacionado com o quinto estágio do *nafs* (O Eu satisfeito com Deus), pois caracteriza-se pela sensação de que a realidade é mantida e nutrida por razões que transcendem qualquer atribuição pessoal. A sensação é de que, certos atributos, como o Bem, a Beleza, a Perfeição, entre outros, são as verdadeiras razões através das quais a realidade permanece existindo. Esses atributos são percebidos como pedaços de uma trama, um desenho maior, que é o que de fato, existe e dá sustentação à realidade. Tudo o que existe é nada mais que uma manifestação dessas qualidades. Nesse ponto, a percepção de que a realidade é “uma manifestação [que ocorre] por detrás de um véu,” citada no início do texto, passa a ser definitiva.

Esse estágio é simbolizado por Moisés. Um dos pontos centrais da qualidade para a qual Moisés aponta está contido na visão que ele tem de um arbusto em chamas, no qual Deus apresenta a si mesmo como “Eu Sou o que Sou.” Essa afirmação indica uma forma de compreensão superior da identidade divina e da própria criação. Ele coloca a Si mesmo como sendo um ponto central presente em tudo o que “é” ou em tudo que existe, independente das formas assumidas e manifestas. Esse elemento central, presente em tudo, é a causa de toda a existência, e a criação subsiste como uma extensão infinita das manifestações possíveis Àquele que é. Assim, nesse nível de ser que está associado ao *latifa Ruhi*, a percepção e compreensão da criação e do Absoluto em si atingem um novo patamar. No momento dessa visão, Moisés é convidado a retirar suas sandálias, pois o solo no qual ele pisava era tornado sagrado pelo seu próprio estado e devido à manifestação que ele testemunhava. Esse ato de desvestir-se das sandálias pode ser compreendido como um símbolo desse processo de despojamento e abandono do ser diante da visão epifânica do Ser. É um símbolo da nobreza encontrada na pobreza de ser, a revelação definitiva de que dentro desse abandono está a chave para a reintegração na matriz infinita de toda a existência.

6) *Akhfa*. Situa-se sobre o *latifa Rouh*, cerca de dois dedos acima, de cor anil claro.

Se ao longo do processo anterior o indivíduo descobre-se como um não ser, devido a um processo de aniquilação frente à grandiosidade dAquele que É, nessa fase ele deverá mudar de perspectiva.

O *Akhfa* traz uma percepção de que é através do próprio indivíduo, e dele apenas, que se dá a integração da multiplicidade presente na realidade. Por isso ele pode ser considerado nessa fase como sendo “aquele que une,” pois nele está a capacidade de integrar, de forma definitiva, o seu próprio *self* à matriz da criação. Ele descobre que seu ser é parte do Ser maior e que isso pode ser vivido apenas, como uma verdade pessoal e individual. Esse estágio é chamado pelos sufis de *baqa* (permanência), um estado que surge depois do *fana* do nível anterior, e que unifica o indivíduo, de forma permanente, com tudo o que existe. Nesse processo a resolução da dualidade Eu e Tu se estabelece definitivamente e já não é mais possível falar-se em duas dimensões, mas apenas em uma. A pessoa nesse estado está fora do tempo; ela atinge um tempo eterno, pois ele independe de flutuações de qualquer tipo e está amalgamado ao ato em si de Ser, um estado no qual ele se transforma num espelho do próprio Verbo. Seu estado é o da perfeição, pois finalmente, ele atingiu a meta última da criação que é a de existir num corpo individualizado e temporal, com seus traços únicos e pessoais e ainda assim, estar amalgamado a um Ser eterno e transcendente. Com o final desse processo o indivíduo descobre no âmago de si mesmo, de sua individualidade e de seus traços pessoais, o tesouro do próprio ser. Esta individualidade é agora compreendida como expressão do Uno – nesse ponto descobre-se que dentro de si, de uma forma que é única e que jamais será repetida, está contido um reflexo fundamental do Ser. Esse reflexo, ao ser integrado de forma plenamente consciente, permite que o Ser se torne finalmente, consciente de Si e de mais uma de suas infinitas manifestações. E tudo isso acontece dentro da afirmação e experiência da Unidade, que é a única existência que há.

Isso tudo pode ser mais bem compreendido considerando-se a seguinte alegoria. A tradição sufi considera que os Atributos Divinos são Nomes através dos quais, a criação pode vir a conhecer seu criador. Segundo esse modelo, existem 99 Nomes de Deus<sup>21</sup> (ou Atributos) que podem ser conhecidos pelo homem. De forma alegórica, é dito que o centésimo Nome é um nome oculto, que de acordo com a tradição, só pode ser conhecido pelo camelo do deserto. Acontece que a palavra ‘camelo’ é escrita da mesma forma que a palavra ‘perfeito’ (*kamil*), numa alusão ao fato de que o centésimo Nome somente pode ser conhecido pelo Homem Perfeito, aquele que atingiu os estados descritos acima. Remetendo à perfeição atingida finalmente por aquele que cumpriu todas as etapas desse processo de forma adequada, esse nome oculto pode ser compreendido como o nome pessoal que designa o indivíduo que atingiu esse estado. Ou seja, o centésimo nome é sempre o nome de cada pessoa que, com coragem, honestidade e perseverança, buscou desvelar essa realidade. Nesse estado, é manifesto nele o Nome Divino que permanece oculto em cada um à espera de ser revelado. Esse centésimo nome resume em si o mistério da multiplicidade e da unidade: existem infinitos nomes pessoais atribuídos a infinitas individualidades, mas por trás de todos eles, sustentando sua vida e sua existência em si, está o Uno, a realidade por trás da realidade.

As experiências associadas a esses dois últimos *latifas* (*Ruhi* e *Akhfa*) são não apenas formas de percepção, mas sim estados de ser, unindo finalmente a percepção que se tem da realidade com aquilo que se é. Como dito inicialmente, aquilo do que se está consciente é um reflexo direto daquilo que se é, pois ambos são consequência de

---

<sup>21</sup> Ver Os Nomes Divinos em [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nomes\\_divinos.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nomes_divinos.pdf)

estados de ser que podem ser desenvolvidos e consolidados através de passos bem definidos.

O *latifa Akhfa* é associado com o sexto *nafs* (o Eu com quem Deus está satisfeito) e é relacionado com a realização da perfeição idealizada para o Homem, pois nesse estágio se atinge a meta da criação em si.

Assim, esse *latifa* é associado com a qualidade de ser apresentada por Cristo. Um dos pontos centrais do ensinamento de Cristo está na afirmação “Eu e o Pai somos Um” sinalizando uma compreensão nova acerca da própria identidade, onde o Ser do qual Moisés foi testemunha, é agora compreendido como estando fundamentalmente no interior de si mesmo. Nesse ponto, o Ser é percebido em sua total unidade, e presente em tudo, inclusive dentro de si. Perceber de fato a realidade dentro desse estado é algo muito profundo, que jamais poderá ser despertado apenas pela mera compreensão das palavras.

Outro ponto central é o sacrifício feito por Cristo, baseado principalmente numa compaixão e compreensão do que cada elemento criado significa. A compreensão do significado da individualidade demonstrada por Cristo, coloca-o diretamente relacionado com o atributo do Amor que nesse contexto, deixa de ser uma emoção e passa a ser uma qualidade de percepção, compreensão e atuação frente à criação.

Ele é também o Verbo ou a Palavra de Deus, apontando para um estado de ser contínuo, eterno e perfeito, que se manifestou na vida material sem jamais afastar-se da unidade, sem estar separado da Ideia Divina primordial que dá origem constantemente a toda criação.

7) *Haqq* ou “O Profundamente Oculto”. Sua luz é verde, e está situado no centro do tórax, como se estivesse no ponto de encontro dos demais *latifas*.

Esse *latifa* representa a consolidação do estado de ser no qual a pessoa se sente definitivamente integrada a uma realidade que agora está iluminada pela majestade da unidade. Ele simboliza um estado onde a consciência já não mais apresenta limites, ou isola de si mesma qualquer coisa que seja. Ao contrário, ela torna-se capaz de abraçar porções cada vez maiores da realidade ao redor de si. Como um cálice perfeito, ela nunca esgota sua capacidade de conter em si, a própria essência da vida e da existência. Tudo se reflete nela, um espelho inteiramente polido. A vida da pessoa nesse estado dificilmente pode ser comparada com a vida ordinária. Apesar de externamente tudo parecer acontecer com naturalidade e a pessoa poder viver sua vida de forma comum, internamente ela está submersa e unida ao oceano da consciência, e não mais se pode afirmar que algo exista separado dela.

Essa última etapa simboliza, portanto a concretização e estabilização do último estágio de desenvolvimento do *nafs* (Eu Perfeito). Pois, neste ponto, o indivíduo está integrado definitivamente a uma unidade transcendente que integra o *self* e a realidade.

Por estar situado no centro de todos os outros, esse *latifa* tem uma importância fundamental. É como se sua luz iluminasse a todos os outros *latifas*. Para cada *latifa*, *Haqq* representa um farol, que direciona os processos sempre para além, para um objetivo último que mora no centro do peito, e que ocultamente, direciona a alma na busca por si mesma, lembrando-lhe de sua perfeição. Ele representa o sussurro essencial, que no centro de cada um, recorda-se da fonte que a gerou. Ao mesmo tempo, por estar no centro, ele recebe também as luzes de todos os demais *latifas* colocando-o assim, num ponto de perfeição onde todas as luzes são recebidas e se mesclam à sua luz



central. Ele remete à ideia citada no início do texto sobre a “luz sobre luz,” uma dimensão que está situada em outro domínio.

O *Haqq* está associado ao Profeta Maomé que é considerado o último da Linhagem da Profecia. A seguinte alegoria da tradição sufi é utilizada para explicar o porquê de Maomé ser considerado o último Profeta<sup>22</sup>. É dito que uma estrela brilhante iluminava o Trono de Deus, e ela era sempre enviada à terra junto com cada um dos Profetas, para iluminar a criação e fazê-la recordar-se. No entanto, quando Maomé foi enviado, essa estrela passou a habitar definitivamente o coração de cada pessoa. Assim, cada um contém dentro de si a Luz do Homem Perfeito e pode, portanto dedicar sua vida a descobri-la e a fazê-la brilhar. Dessa forma, Maomé completa o ciclo iniciado por Adão. Se Adão era o Homem Perfeito por ser um representante da ideia ou concepção divina do ser humano, Maomé representa a concretização dessa ideia no interior de cada pessoa.

Um dos pontos centrais das qualidades de Maomé está associado com a afirmação, “não há nada a não ser Deus.” Essa frase remete a dois níveis de constatação: a primeira de que nada existe, e a segunda de que a única existência é Deus. Ou seja, tudo aquilo que existe tem existência apenas em seu aspecto unitivo e essencial e até que essa identidade seja atingida, as coisas e o indivíduo podem ser considerados como não existentes. Antes disso, a vida nada mais é que *maya*, os véus de ilusão que aprisionam a existência dentro da não existência e que a impedem de receber a herança que a aguarda. Aqui fica claro também, a responsabilidade de cada pessoa. Está nas mãos de cada um buscar transpor essa ponte entre a existência e a não existência, e até que isso aconteça, a realidade ao redor permanece encarcerada por esses véus de ocultamento. É função de cada homem e mulher erguer esses véus e isso só poderá ser feito não por obrigação ou medo, mas apenas por amor a essa dimensão única que a tudo mantém, que é representada pela frase do antigo Testamento “amarás a Deus sobre todas as coisas”.

### **Relações com os Centros Superiores da Escola do Quarto Caminho**

O detalhamento do conceito de Centros Superiores já foi discutido em outro texto<sup>23</sup>, por isso, ele será apresentado aqui apenas de forma resumida. Esse conceito faz parte da tradição do Quarto Caminho, que aponta para certas funcionalidades presentes no ser humano, que podem ser acessadas e plenamente desenvolvidas a partir de práticas específicas. Esses Centros correspondem, didaticamente, a funções sofisticadas que são acessadas na medida em que o praticante desenvolve novas capacidades de consciência.

No Quarto Caminho, o desenvolvimento desses Centros corresponde, grosso modo, ao desenvolvimento do eu sugerido pelo modelo sufi dos *nafs*. Pois como dito acima, a mudança perceptual é concretizada através de desenvolvimentos profundos da consciência que acontece concomitante ao trabalho dos *latifas*. Assim, o trabalho prático com os *latifas* e *nafs* consiste em uma das propostas possíveis de se trabalhar com os Centros Superiores.

Os Centros Superiores estão associados aos Corpos Superiores, que podem ser compreendidos como estruturas que sustentam esses Centros, e que seriam em número de três: o Corpo das Emoções Superiores; o do Intelecto Superior; e um terceiro Corpo

---

<sup>22</sup> Ver Adão, o Califa de Deus em <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/adao.pdf>

<sup>23</sup> Ver o texto Centros Superiores da Máquina Biológica Humana, disponível em [http://www.imagomundi.com.br/quarto\\_caminho/centros\\_superiores.pdf](http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/centros_superiores.pdf)

(chamado de Corpo Causal) que finalmente, abrigaria uma Individualidade que atingiu seu pleno desenvolvimento. Nesse contexto, os *latifas* podem ser considerados simbolicamente como órgãos sensoriais desses Corpos, ou seja, estruturas preceptivas que fazem parte de uma nova estrutura de consciência capaz de abarcar porções antes imperceptíveis da realidade.

Os dois primeiros *latifas* apresentados - *qalb* e *rouh* - participarão da formação do Corpo das Emoções Superiores. Já os *latifas sirr* e *khafi* participarão da formação do Corpo do Intelecto e os últimos (*ruhi*, *akhfa*, *haqq*) do terceiro Corpo citado. A relação dos *latifas* com os Centros e seus Corpos está representada na Figura 2.

Órgãos perceptivos	Centros e Corpos Superiores
<i>ruhi, akhfa, haqq</i>	“Individualidade” – Corpo Causal
<i>sirr, khafi</i>	Centro Intelectual Superior – Corpo Intelectual Superior
<i>qalb, rouh</i>	Centro Emocional Superior – Corpo do Emocional Superior
5 sentidos físicos	Centros Primários <sup>24</sup> – Corpo Físico

Figura 2. Relação entre os Mundos do Raio de Criação, Centros e Corpos Superiores da escola do Quarto Caminho com os órgãos de percepção (*latifas*)

### Leituras adicionais

- Os Três Centros Primários da Máquina Biológica Humana: [http://www.imagomundi.com.br/quarto\\_caminho/centros\\_primarios.pdf](http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/centros_primarios.pdf)
- Os Centros Superiores: [http://www.imagomundi.com.br/quarto\\_caminho/centros\\_superiores.pdf](http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/centros_superiores.pdf)
- Níveis da consciência: [http://www.imagomundi.com.br/quarto\\_caminho/niveis\\_consciencia.pdf](http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/niveis_consciencia.pdf)
- *Nafs* (eu ou alma) <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nafs.pdf>
- Os sete órgãos sutis do homem segundo Semnani [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/semnani\\_sete\\_orgaos.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/semnani_sete_orgaos.pdf)
- Henri Corbin: El hombre de luz en el sufismo iranio [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/corbin\\_homem\\_luz.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/corbin_homem_luz.pdf)
- Os Nomes Divinos [http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nomes\\_divinos.pdf](http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nomes_divinos.pdf)

**Autoria:** [www.imagomundi.com.br](http://www.imagomundi.com.br)

<sup>24</sup> Na escola do Quarto Caminho, os Três Centros Primários são utilizados para definir de forma didática, os processos mais básicos de funcionamento da consciência. Ver detalhes sobre esses Centros em: [http://www.imagomundi.com.br/quarto\\_caminho/centros\\_primarios.pdf](http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/centros_primarios.pdf).